
Da opressão à resistência: uma análise do uso do rádio na Revolução da Argélia a partir da filosofia fenomenológica da tecnologia

From Oppression to Resistance: An Analysis of the Use of Radio in the Algerian Revolution through the Phenomenological Philosophy of Technology

DOI: 10.12957/ek.2024.88542

Verônica Ferreira Bahr Calazans¹

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
calazansveronica@gmail.com

Alex Calazans²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
filoalexcalazans@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa, com base na filosofia da tecnologia, de abordagem fenomenológica, como proposta por Don Ihde e Albert Borgmann, o caso histórico do uso do rádio durante a revolução da Argélia. Trata-se de um evento discutido pelo filósofo martinicano Frantz Fanon, que aborda as relações coloniais de poder e o movimento de resistência através do uso da tecnologia. Argumenta-se que a apropriação do rádio pelos argelinos transcendeu as quatro categorias de transferência tecnológica, propostas por Ihde. Além disso, a filosofia de Borgmann oferece-nos uma ferramenta conceitual pertinente para tratar do que parece apresentar-se como uma quinta possibilidade. Defendemos que o fenômeno da tecnologia, quando associado a relações de poder, requer uma visibilidade dos dispositivos para permitir o movimento de resistência, redefinindo as bases da relação entre tecnologia e cultura.

Palavras-chave

Filosofia da Tecnologia. Fenomenologia. Don Ihde. Albert Borgmann. Frantz Fanon.

¹ Doutora em Filosofia (2014) pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Realizou estágio de doutorado sanduíche (PDSE) no Instituto de História e Filosofia da Ciência e da Técnica na Université Paris I.

² Doutor em filosofia (2014) pelo programa de pós-graduação do IFCH da Universidade Estadual de Campinas. Realizou estágio de doutorado sanduíche (PDSE) no Instituto de História e Filosofia da Ciência e da Técnica na Université Paris I.

ABSTRACT

This article analyzes, based on the philosophy of technology and a phenomenological approach proposed by Don Ihde and Albert Borgmann, the historical case of the use of radio during the Algerian Revolution. This event is discussed by the Martinican philosopher Frantz Fanon, who addresses colonial power relations and the resistance movement through the use of technology. It is argued that the appropriation of radio by Algerians transcended the four categories of technological transfer proposed by Ihde. Furthermore, Borgmann's philosophy offers us a pertinent conceptual tool for addressing what appears to present itself as a fifth possibility. We argue that the phenomenon of technology, when associated with power relations, requires a visibility of the devices to enable the resistance movement, redefining the foundations of the relationship between technology and culture.

Keywords

Philosophy of Technology. Phenomenology. Don Ihde. Albert Borgmann. Frantz Fanon.

1 INTRODUÇÃO

A filosofia da tecnologia é constituída por muitas abordagens, a exemplo da própria filosofia, tomada em sentido geral. A abordagem fenomenológica da tecnologia trata os artefatos tecnológicos em um contexto que não se reduz à separação radical entre o sujeito e o objeto, posto diante dele. A relação considerada como primária é aquela que articula a experiência do ser humano no mundo. Segundo Cupani (2016, p. 121) trata-se do que Don Ihde chama de eu-relação-mundo. Assim, a relação homem-tecnologia é considerada em termos de experiência e, assim como toda relação homem-mundo, tem seu fundamento ontológico assentado justamente nesse aspecto relacional. Isso significa que não há um ponto de vista neutro e exterior a partir do qual seria possível descrever tal relação. Ao contrário, o homem está irrevogavelmente imerso nela e a vivência de modo completamente encarnado³.

Entretanto, essa relação do homem com a tecnologia não ocorre isoladamente, no que diz respeito aos grupos humanos, ou seja, culturais. A hermenêutica cultural pode ser uma chave de leitura para interpretar esses contextos amplos de relação do ser humano com a tecnologia. Ainda, como veremos adiante, o caráter mediador dos artefatos se configura em todos os aspectos das relações humanas, inclusive, as de poder. Entre essas relações de poder, interessa para a reflexão a ser construída nesse texto, o contexto dos processos de colonização, nos quais as tecnologias são frequentemente utilizadas como meios de exercício violento do poder. A questão que nos ocupa é a de saber como objetos

³ Cupani (2016, p. 122) faz referência, aqui, ao “corpo-sujeito” de Merleau-Ponty.

tecnológicos, nesse contexto de colonização, podem ser ressignificados a favor das estratégias de resistência. . Mais especificamente, interessa-nos saber em que condições uma tecnologia utilizada para exercer o poder sobre o povo colonizado pode sofrer uma *inversão de sentido* e ser usada por esse povo como meio de resistência.

Frequentemente, a questão que se põe, no que diz respeito à tecnologia, está relacionada ao “controle” dos seus artefatos ou processos, em defesa de valores sociais ameaçados pelo desenvolvimento tecnológico. Essa questão é complexa e pode ser considerada sob múltiplos aspectos e a partir de fundamentações teórico-filosóficas distintas, tais como as vertentes da teoria crítica – como Jürgen Habermas, Herbert Marcuse e, mais recentemente, Andrew Feenberg – ou mesmo as pós-fenomenológicas – como Peter-Paul Verbeek.

Diante da complexidade do tema das relações de poder no contexto da colonização, escolhemos concentrar nossa análise filosófica em um evento histórico específico. Trata-se do papel do rádio na revolução da Argélia, analisado por Frantz Fanon, no segundo capítulo do livro *Sociologia de uma Revolução*. A apropriação, por parte dos argelinos, da tecnologia anteriormente utilizada como meio de dominação pelo colonizador, foi determinante para o processo de resistência revolucionária. Tomaremos esse caso, então, como uma espécie de exemplar para investigar, fundamentados na abordagem fenomenológica da tecnologia, as condições necessárias para essa inversão do papel da tecnologia nas relações coloniais e, conseqüentemente, nas demais relações de poder.

Para ancorar esse percurso, recorreremos a alguns elementos das filosofias de dois autores: Don Ihde e Albert Borgmann. O primeiro, na obra *Tecnologia e o Mundo da Vida: do jardim à terra – Technology and the Lifeworld: From Garden to Earth* (1990)⁴ –, oferece uma categorização das formas de assimilação (ou rejeição) da tecnologia imposta por uma cultura dominante. Embora seja possível extrair, da obra de Ihde, elementos para pensar a resistência, por meio da tecnologia, identificamos no pensamento

⁴ Segundo Carvalho (2020, p. 181), trata-se da obra que “[...] formulou as bases filosóficas do que Ihde veio a denominar, mais tarde, de *pós-fenomenologia*”, sendo considerada sua principal obra de filosofia da tecnologia. Mais adiante, abordaremos o significado de “pós-fenomenologia”. Concentraremos nossa atenção nessa obra, uma vez que, no Brasil, ela é considerada a “porta de entrada” da filosofia de Don Ihde, como parece sugerir Carvalho. Vale ressaltar que muitas das teses que abordam a assimilação da tecnologia por uma cultura foram reelaboradas ou aprofundadas em textos posteriores de Ihde, como *Bodies in Technology* (Cf. Ihde, 2001).

de Borgmann um elemento central para analisar essa inversão de sentido, descrita por Fanon. Trata-se da necessidade de tornar visível o dispositivo para seus usuários, o que vai além do simples cumprimento de uma função técnica e se torna condição para a utilização desse dispositivo como meio de resistência.

2 O CASO DO RÁDIO NA REVOLUÇÃO DA ARGÉLIA: DE MEIO DE OPRESSÃO A MEIO DE RESISTÊNCIA

Destacamos, como elemento motivador para a discussão, um episódio relatado e desenvolvido por Fanon, que aborda a transformação do rádio em meio para a resistência, no contexto da revolução da Argélia. O distanciamento histórico desse episódio nos oferece um ponto de partida, ao trazer à luz alguns elementos centrais para pensar o uso da tecnologia com propósitos emancipatórios. Porém, o mesmo distanciamento impõe limites importantes. A complexidade do contexto contemporâneo extrapola, em diversos âmbitos, o exemplo apresentado. No entanto, esperamos que os elementos retirados desse caso sejam suficientes para determinar alguns fundamentos importantes para a análise.

Fanon inicia seu texto, intitulado *Ici la voix d'Algérie*, referindo-se ao rádio como um “instrumento técnico preciso” (Fanon, 1976, p. 50), que suscitou novas atitudes do povo argelino, por ocasião da Revolução. Ao caracterizar o rádio como instrumento, o autor destaca um aspecto importante que, se for interpretado apressadamente, pode conduzir a grave engano. Trata-se da pretensão de neutralidade da técnica. O objeto técnico, tomado como instrumento, pode conduzir à compreensão de que se trata de um objeto neutro, em termos de valores, que dependerá unicamente do seu uso para ser interpretado segundo alguma intencionalidade. O tema da neutralidade tecnológica desempenhou um papel relevante no pensamento de diversos autores da filosofia da tecnologia. Andrew Feenberg, por exemplo, aborda esse tema em muitos dos seus textos e alerta para os perigos de uma concepção que assuma a tecnologia como um fenômeno livre de valores sociais, políticos e éticos⁵.

Longe disso, o que Fanon pretende é ressaltar a possibilidade de subverter o esquema de valores no qual certo objeto técnico está imerso, através da atitude revolucionária deliberada e consciente. As chamadas “novas atitudes” do povo argelino diante do rádio, como instrumento técnico, têm, em sua base, a negação da situação colonial, considerada no conjunto. Tais atitudes são “novas” porque se estabelecem em

⁵ Para mais detalhes a respeito do tema da neutralidade da tecnologia: cf. Feenberg (2010).

oposição à atitude resignada, diante do colonizador que utilizava o rádio como principal meio de manter a superioridade da sua cultura, frente ao que considerava uma não-cultura.

Inicialmente, apenas os colonizadores possuíam um aparelho receptor (95% dos aparelhos, em 1945). Isso se justifica, certamente, em razão da disparidade de poder econômico; mas, não apenas, visto que inúmeras famílias com poder de compra suficiente não tinham interesse em adquirir um aparelho de rádio. O modelo de família e os valores familiares do povo argelino não eram compatíveis com os programas de rádio, pensados a partir de um modelo cultural ocidental, francês.

A Radio-Argel, “a voz da França na Argélia”, era a principal fonte de informação dos colonizadores e exercia um importantíssimo papel de manutenção do vínculo com o “mundo civilizado”:

Antes de 1945, na Argélia, o rádio se multiplica na sociedade dominante como instrumento técnico de informação. Segundo constatamos, ele é utilizado ao mesmo tempo como um meio de resistência entre os europeus isolados e como um meio de pressão cultural sobre a sociedade dominada. Entre os agricultores europeus, o rádio se mostra globalmente como um laço com o mundo civilizado e como um instrumento eficaz de resistência contra a influência corrosiva de uma sociedade ainda indígena, sem perspectivas, atrasada e sem valor (Fanon, 1976, p. 52).

Trata-se, portanto, de um objeto técnico que, em certa medida, oferece para o colono a reconstrução do mundo que ele abandonou e no qual estava seguro. Ao mesmo tempo que traz segurança e serenidade, o rádio constitui-se como um meio de manter vivas as motivações relativas ao espírito de conquista e dominação. O colono reafirma seus direitos, ao não se permitir esquecê-los, e relembra a importância de rechaçar a mestiçagem, que significaria o enfraquecimento de sua cultura e poder.

Muito diferente era a relação do autóctone, com esse objeto técnico. Segundo Fanon, não havia, inicialmente, uma recusa consciente e ostensiva do rádio. Antes, parecia um desinteresse:

Aqui, pode-se considerar dois níveis de explicação. Como técnica instrumental em sentido estrito, o aparelho de rádio desenvolve os poderes sensoriais, intelectuais e musculares do homem em uma sociedade determinada. Na Argélia ocupada, o rádio receptor é uma técnica do ocupante que, no quadro da dominação colonial, não responde a nenhuma necessidade vital do “indígena” (Fanon, 1976, p. 53).

Além disso, o rádio transmite programas que ofendem a moral das famílias argelinas, que não se permitiam compartilhar reações de riso e, principalmente, conteúdos eróticos ou até mesmo amorosos. Por fim, o mundo reconstruído pela programação não correspondia ao mundo do autóctone, mas, exclusivamente, ao do colonizador. Esses elementos parecem, segundo Fanon, justificar o desinteresse por essa tecnologia sem, contudo, caracterizar uma resistência consciente e organizada frente a ela.

A situação começa a mudar a partir de 1954. Os ânimos se exaltam e o movimento por uma Argélia livre passa a ocupar lugar de destaque e prioridade. Inicialmente, as intenções revolucionárias eram compartilhadas no contato direto entre as pessoas e pela parte da imprensa que não era dominada pelos europeus. Entretanto, com a iminência da revolução, tais meios passam a ser controlados e os argelinos voltam-se ao rádio, como possível meio privilegiado de comunicação. Em 1956, há uma explosão na venda de aparelhos de rádio, em especial, daqueles que funcionam à pilha, visto que a eletricidade não chegava a todos.

Entretanto, com o cerco dos europeus se fechando para oprimir a revolução nascente, não era suficiente possuir os aparelhos. Os argelinos passaram a dominar as técnicas para transmitir, de modo clandestino, as mensagens revolucionárias e para consertar e reconstruir aparelhos danificados. Inclusive, como aprendizes dos eletricitistas europeus, apropriaram-se do conhecimento necessário para tal, convertendo uma tecnologia anteriormente percebida como externa, “de fora”, em um instrumento importante – pode-se dizer, central – para a revolução.

Após essa breve descrição do episódio, podemos destacar duas frentes de trabalho conceitual. Primeiro, a apropriação da tecnologia se dá de modo consciente. A não neutralidade da técnica não garante, por si, que todas as relações com ela estejam imunes à alienação. A figura do usuário, apenas receptivo aos produtos da tecnologia, atende facilmente aos interesses de um grupo dominante que pretende – ele sim, conscientemente – utilizar a tecnologia como meio para exercer o poder. A revolução argelina nos mostra que a apropriação da tecnologia do colonizador, em prol da revolução, passa pela extrapolção do mero papel de usuário e requer o protagonismo quanto à maquinaria da tecnologia em questão.

Como segundo elemento, o relato de Fanon nos aponta para as diferenças entre dois modos distintos de se relacionar com a tecnologia. O papel que o rádio exercia entre

os colonizadores não corresponde àquele assumido no contexto da revolução, entre os argelinos. Essa distinção não pode ser reduzida a uma diferença entre meros usos diversos, mas caracteriza distintas articulações – ou, mediações – entre os grupos e seus respectivos “mundos”, entendidos como universos de significações. Uma filosofia que se comprometa com um conceito universal de tecnologia tenderá a minimizar essas diferenças, atribuindo ao objeto técnico a caracterização de mero instrumento que, sendo em essência universal, é utilizado de formas variadas⁶. Esse viés não colabora para as questões aqui propostas, na medida em que pretendemos justamente delimitar o modo de relação com a técnica que pode, assim esperamos, oferecer um caminho para a resistência às heranças colonialistas, em um contexto mais amplo e contemporâneo. Para oferecer as bases conceituais que permitirão desenvolver esse ponto, recorreremos à filosofia da tecnologia proposta por Don Ihde e Albert Borgmann, ambos pertencentes à chamada “abordagem fenomenológica”, ainda que Don Ihde seja considerado um autor da pós-fenomenologia, pois sua análise extrapola o que poderia ser considerada a fenomenologia, em sentido estrito.

3 DON IHDE E A RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA E CULTURA

A abordagem fenomenológica da tecnologia, assumida por Don Ihde, tem como um de seus conceitos fundamentais a noção de “mediação” (Ihde, 2017, p. 106). A tecnologia, como mediadora entre o eu e o mundo, é considerada sob uma dupla perspectiva. Por um lado, o elemento mediador precisa se tornar transparente. Por exemplo, um par de óculos, para que realize bem sua função devem se tornar tão transparentes quanto possível para que, ao ser utilizado, seja esquecido. Ihde chama esse processo de “incorporação”. Trata-se de incorporar a tecnologia ao eu, de modo que, na prática, eles são um só diante do mundo: uma incorporação total significaria o apagamento da tecnologia mediadora. No entanto, essa incorporação também suscita o desejo de poder, visto que a tecnologia, quando assimilada, propicia ao eu um poder que ele não tinha ou que era, originalmente, muito limitado.

O desejo é igualmente a fonte dos sonhos utópicos e distópicos. A tecnologia atual ou material sempre carrega consigo apenas uma parcial ou quase transparência, com o seu preço para a extensão ou ampliação

⁶ Há vários autores que questionam a possibilidade de aplicar, de modo universal, um mesmo conceito de tecnologia para as diferentes culturas. A negação de tal universalidade faz parte do projeto filosófico desenvolvido, por exemplo, por Yuk Hui em torno do conceito de tecnodiversidade. Para mais detalhes: cf. Hui, 2020.

que as tecnologias proporcionam. Ao ampliar as capacidades corporais, a tecnologia também as transforma. Nesse sentido, todas as tecnologias em uso não são neutras. Elas mudam a situação básica, de maneira sutil, todavia minimamente; mas este é o outro lado do desejo. O desejo é simultaneamente um desejo para a mudança da situação para habitar a Terra ou mesmo para ir além da Terra enquanto algumas vezes inconsciente e secretamente desejando que este movimento possa ser sem a mediação tecnológica (Ihde, 2017, p. 109).

Assim, pode-se concluir que as tecnologias mediam a experiência humana, simultaneamente ampliando e reduzindo nossas capacidades perceptivas. A tecnologia, segundo Ihde, estende as habilidades humanas ao permitir novas formas de interação e compreensão do mundo. Por exemplo, os binóculos e telescópios melhoram nossa visão à distância. No entanto, essa ampliação tem como reverso uma redução, pois a tecnologia simplifica ou limita outras dimensões da experiência, como a percepção periférica e o contexto, por exemplo. Essa dualidade implica que toda interação tecnológica envolve compensações: os benefícios de novas capacidades podem ser contrabalançados por uma filtragem ou simplificação da realidade. Esta perspectiva ressalta a importância de entender como integrar as tecnologias de forma eficaz em diferentes contextos, considerando tanto as suas vantagens quanto as suas limitações.

O que foi dito acima faz parte do que Ihde chama, propriamente, de um programa fenomenológico da técnica e que constitui a base de sua abordagem. Em seguida, como uma segunda parte do projeto, o autor acrescenta aos fundamentos fenomenológicos o programa que alcança as hermenêuticas culturais. Nessa parte, a incorporação das tecnologias é tratada em um contexto mais amplo, a saber, o da cultura, ou melhor, culturas diversas.

A transferência tecnológica é tratada como um processo no qual as tecnologias são adotadas por diferentes culturas e são reinterpretadas ou adaptadas de acordo com o contexto cultural específico da cultura receptora. Ihde destaca que, embora o artefato em si possa ser transferido fisicamente, o significado e a função da tecnologia podem mudar, dependendo do contexto cultural maior em que ela é inserida. Exemplos históricos e antropológicos são usados para ilustrar como diferentes culturas interpretam e incorporam tecnologias com base em suas próprias práticas culturais preexistentes, valores e necessidades.

Na interação entre os australianos e papuanos, em Nova Guiné, o povo local interpretava os australianos como divindades e suas tecnologias como manifestações

dessas divindades. Foi necessária a observação das ações tipicamente humanas (como defecar) para abalar essa interpretação. O autor utiliza, como ilustração, o exemplo do rifle, cujo potencial não foi imediatamente compreendido. A demonstração do rifle, em que um porco foi abatido a curta distância, causou espanto, mas não impressionou devido à falta de entendimento sobre seu potencial como arma de longo alcance. Foi apenas após a observação contínua dos australianos e um evento trágico, no qual muitos papuanos foram mortos, que o rifle foi reconhecido como uma posse poderosa e valiosa. Esse exemplo ilustra a complexidade da transferência tecnológica, mostrando que o simples contato com uma nova tecnologia não garante sua compreensão ou adoção. A cultura receptora precisa incorporar o novo artefato dentro de suas práticas existentes para reconhecer seu valor. O processo de incorporação, portanto, pode ser lento e gradual, já que é influenciado por uma variedade de eventos significativos.

Ainda mais importante, o exemplo do rifle também demonstra como a introdução de uma tecnologia pode alterar as dinâmicas de poder e relações sociais na cultura receptora. Assim que o rifle foi reconhecido como uma ferramenta poderosa, capaz de mudar as bases do poder local e a maneira como os confrontos eram conduzidos, essa assimilação não apenas alterou as dinâmicas de poder entre os papuanos, mas também entre eles e os colonizadores, que utilizavam a tecnologia para afirmar controle e autoridade. O rifle tornou-se um símbolo de poder e modernidade, alterando as relações sociais e hierarquias dentro da comunidade. Este exemplo destaca como a introdução de uma nova tecnologia pode reconfigurar as estruturas sociais e de poder em uma cultura. Ihdé, por meio desse e outros exemplos, tais como aquele dos navegadores de Poluwat⁷, ilustra sua tese de que a transferência tecnológica é um processo complexo e de relevância cultural profunda.

Para resumir, o texto afirma que a apropriação da tecnologia por diferentes culturas envolve a incorporação de tecnologias dentro de seus próprios contextos culturais e significados. A tecnologia é vista não como um objeto neutro, mas como algo que ganha significado e uso dentro do contexto cultural específico, no qual ela é inserida. Exemplos

⁷ Os navegadores de Poluwat adotaram a bússola como um objeto fascinante e de prestígio, apesar de não utilizarem todo o contexto cultural ocidental associado à navegação. Semelhantemente, a roda de oração indiana transferida para o Ocidente foi reinterpretada e transformada em moinho de vento, mostrando como a funcionalidade tecnológica pode ser reestruturada em um novo contexto cultural e o relógio chinês foi usado para propósitos astrológicos e imperiais, contrastando com seu uso na regulação do tempo social no Ocidente.

como o uso do rifle por papuanos e a bússola por navegadores Poluwat ilustram como essas tecnologias são reinterpretadas e adaptadas às práticas e valores culturais existentes.

Ihde aponta dois níveis para a relação entre a tecnologia e a cultura:

A interface cultural, [...], ocorre em dois níveis: o nível de envolvimento instrumental, que como temos visto tem muitas sobreposições nos níveis diários, e o nível mais complexo de valores culturais mais elevados e sua complexidade associada (Ihde, 2017, p. 176s).

Nos objetos simples, de uso diário, há uma sobreposição entre as diferentes culturas, no sentido de que tais objetos são interpretados e utilizados de modo muito semelhante, mesmo que sejam consideradas culturas muito distintas. No entanto, no segundo nível, o autor entende que estão objetos cujo envolvimento extrapola o caráter instrumental – caso do primeiro nível. São os objetos mais complexos que são incorporados a uma nova cultura de modo a suscitar a interação com valores mais profundos e específicos da cultura em questão.

O texto afirma que, para compreender completamente a adoção e a adaptação de tecnologias em diferentes contextos culturais, é crucial considerar tanto o uso prático – instrumental – quanto a maneira como essas tecnologias interagem com valores e crenças culturais mais profundos. No caso das relações neocoloniais, essa adoção e adaptação de tecnologias ganha contornos ainda mais complexos. Ihde sustenta que há uma falha na transferência de tecnologia – e conhecimento – dos países colonizadores para os países em desenvolvimento. Isso se dá, em grande medida, pela concentração de poder tecnológico nos primeiros e a consequente disparidade com relação aos segundos.

O exemplo, apresentado por Ihde, diz respeito ao caso da Índia. No capítulo 6 de *Tecnologia e o Mundo da Vida*, o autor recorre aos textos de Briejn Gupta – citados por Segal – para reconstruir a tensão entre duas atitudes contraditórias do povo indiano, com relação à tecnologia do colonizador. Na Índia, após a independência, convivem duas tendências cujos objetivos são conflitantes. Por um lado, há o objetivo de modernização, através da engenharia, da pesquisa científica e da infraestrutura tecnológica. Por outro, há uma resistência que prega o retorno a uma vida comunitária mais simples e que, por isso, tornaria o país menos dependente dos ocidentais, ou seja, mais autônomo.

O representante máximo da primeira tendência é Jawaharlal Nehru, o primeiro Primeiro-Ministro da Índia após sua independência do domínio britânico. Como figura

central na discussão sobre a modernização da Índia e o desenvolvimento de sua infraestrutura científica e tecnológica, Nehru representou uma visão de modernização. Ele construiu uma visão de progresso nacional que contemplava a construção de institutos de pesquisa científica e a promoção da engenharia pesada e da energia elétrica. Nessa perspectiva, a infraestrutura deixada pelo colonialismo – incluindo a burocracia britânica e a língua inglesa – era vista de modo positivo. O grande objetivo era o de integrar essa herança ao desenvolvimento futuro do país. A autonomia, então, seria consequência do crescimento econômico promovido pela ciência e pela tecnologia.

No polo oposto dessa perspectiva, Gandhi defendia que a autonomia não poderia ser alcançada pela dependência da tecnologia do colonizador. Ao contrário, ele pregava um retorno ao estilo de vida modesto e defendia a manutenção de aspectos da cultura pré-moderna indiana. Assim, a Índia deveria seguir um caminho de desenvolvimento que respeitasse e incorporasse suas tradições culturais, em vez de emular o modelo ocidental de progresso. A visão de Gandhi para a Índia era de uma nação que poderia desenvolver-se autonomamente, sem depender das influências tecnológicas e industriais ocidentais. Ele via a modernização ocidental como algo que poderia minar as fundações culturais e sociais da Índia.

Essa dualidade de visões ilustrava as tensões internas, na Índia, sobre o caminho do desenvolvimento pós-colonial. Apesar dos grandes esforços do país, há uma barreira no que diz respeito à transferência da infraestrutura científica e tecnológica necessária para uma comunidade ser bem-sucedida nesse aspecto. Além da infraestrutura material, a infraestrutura cultural pode, igualmente, se transformar em um obstáculo para a educação científica e tecnológica almejada:

No contexto aqui, contudo, estes fenômenos são indicadores do fracasso da transferência tecnológica para os países do terceiro mundo mesmo neste caso, num país que adotou oficialmente uma posição pró-ciência e tecnologia. Evidentemente, de modo contrário, a política é um sucesso. O engenheiro imigrante (e doutor e cientista) mantém nossa própria cultura tecnológica prosperando. O número crescente de coautores com sobrenomes indianos na literatura científica é o indicativo do sucesso reverso (Ihde, 2017, p. 184)

Ao recorrer a esse exemplo, Ihde pretende ilustrar os desafios e paradoxos enfrentados por países em desenvolvimento, na tentativa de equilibrar a modernização tecnológica com a preservação cultural e alcançar a autonomia econômica e política. Se,

no caso da primeira perspectiva, o que se vislumbra para o futuro é a equiparação de infraestrutura, para alcançar o desenvolvimento tecnológico semelhante ao do país colonizador, na segunda perspectiva a situação é mais complexa. Há uma tentativa de “controlar” a tecnologia imposta pelo colonizador, para evitar que ela impacte negativamente na cultura do povo colonizado. No entanto, quais as condições para esse controle?

Segundo Ihde (2017, p. 189), a ambiguidade, presente na tecnologia, é dupla. Qualquer artefato tecnológico pode ser utilizado em diferentes contextos, levando a diferentes usos e significados culturais. Isso reflete a ideia de que tecnologias não são fixas em suas funções e podem ser adaptadas. Em outro plano, qualquer intenção ou propósito tecnológico pode ser preenchido por uma gama de tecnologias diferentes, indicando que não há uma relação linear entre intenção e tecnologia. Esse plano da hermenêutica cultural, que extrapola a fenomenologia – ainda que compartilhem as mesmas bases –, acrescenta certa complexidade à análise da tecnologia:

Dada esta dupla complexidade, agora vista igualmente nos níveis fenomenológico e hermenêutico, a primeira resposta à questão de se a tecnologia pode ser controlada deve ser uma resposta negativa. A razão pela qual a tecnologia não pode ser “controlada” se deve ao fato de a questão ser colocada de maneira equivocada. Ou pressupõe que as tecnologias são “meramente” instrumentais e, portanto, neutras, ou pressupõe que as tecnologias são totalmente determinadoras e, portanto, incontroláveis. Ambas as extremidades estão presentes nos debates atuais, mas ambas não contemplam o aspecto das relatividades humano-tecnologia e a cultura-tecnologia que reconstituíram o debate. (Ihde, 2017, p. 190).

Na passagem acima, Don Ihde contrapõe sua proposta aos autores que ele avalia como limitados a uma visão unidirecional da tecnologia (Heidegger, entre eles). Essa visão é suficiente apenas para analisar ferramentas simples e sua assimilação cultural. Por exemplo, o modo como um povo passa a utilizar o machado, oferecido pelo colonizador, não oferece grandes desafios de interpretação, pois as ferramentas simples são assimiladas sem que seja necessário transformar a cultura receptora. No entanto, tecnologias mais complexas somente podem ser adequadamente consideradas, segundo Ihde, sob o prisma da multiestabilidade, já que o processo de assimilação dessas tecnologias provoca transformações que extrapolam o âmbito tecnológico e atingem a própria estrutura cultural.

Assim, é preciso reelaborar a questão do controle. No contexto da transferência tecnológica, Ihde ressalta que ocorre uma interação complexa e culturalmente específica, que não pode ser simplificada de modo a que a transferência seja caracterizada como uma mera adoção ou rejeição de tecnologias. Nesse sentido, a questão do controle tecnológico é reformulada para se concentrar nas interações culturais envolvidas.

Eis um resumo, apresentado pelo autor, daquilo que foi defendido a respeito da tecnologia e a possibilidade de exercer um controle sobre ela:

[...]negativamente, tenho argumentado que não existe uma trajetória única ou unificada para a “Tecnologia” (com o “T” maiúsculo), que as tecnologias nesse sentido não são “autônomas”, e que o próprio conceito de “controle” é mal colocado. Positivamente, tenho argumentado que as tecnologias são não neutras e, essencialmente, estruturalmente, ambíguas. Na relação com humanos e humanos em cultura, as tecnologias transformam a experiência e suas variações. Além disso, tenho argumentado que, no nível complexo de uma hermenêutica cultural, as tecnologias podem ser variantemente incorporadas, a “mesma” tecnologia em outro contexto cultural se torna uma tecnologia “diferente”. (Ihde, 2017, p. 195).

A má compreensão da noção de controle, estabelecida no contexto de um pensamento linear a respeito da tecnologia, dá lugar a uma interpretação fenomenológica e hermenêutica que está centrada na noção de “multiestabilidade”. Trata-se de uma extrapolação da noção gestáltica, defendida por Thomas Kuhn, que explica as revoluções científicas em termos de “mudança de paradigma”⁸. Ihde caracteriza essa mudança como um caso de biestabilidade, pois são consideradas apenas duas possibilidades distintas, e incomensuráveis, de modelos. A multiestabilidade estaria, portanto, baseada na multiplicidade de percepções distintas, do mesmo fenômeno, ou seja, na polimorfia perceptiva, considerada fenomenologicamente⁹.

Após explorar exaustivos exemplos visuais dessa polimorfia perceptiva, Ihde afirma:

Tal multiestabilidade perceptiva complexa é um dos resultados de uma fenomenologia da percepção que tem implicações consideráveis para qualquer psicologia da visão, embora raramente seguida. Minha sugestão aqui é que essa multiestabilidade também pode ser vista nas

⁸ Utilizamos, aqui, o vocabulário estabelecido na clássica obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962), embora Kuhn tenha, posteriormente, substituído o conceito de “paradigma” pelo de “lêxico”, mantendo, no entanto, o caráter gestáltico da mudança.

⁹ Utilizando o exemplo da desconstrução perceptiva que Merleau-Ponty realiza no cubo Necker, Ihde pretende extrapolar até mesmo esse nível desconstrutivo e conduz ao extremo sua noção de “multiestabilidade”.

relações humano-tecnologias e ainda mais fortemente nas complexidades da gestalt tecnologia-cultura (Ihde, 2017, p. 198).

Então, o caráter gestáltico da cultura tecnológica a aproxima da noção de modelo – ou paradigma – como “forma de ver”. Portanto, a análise fenomenológica e hermenêutica da cultura tecnológica é uma descrição dessa “forma de ver” ou, em um contexto mais amplo, das diversas “formas de ver” que compõem a multiestabilidade. No que diz respeito à transferência de tecnologia, especialmente no contexto de colonização, a tarefa hermenêutica ganha contornos bastante complexos¹⁰, na tentativa de descrever a tensão entre as (ao menos) duas formas de ver a tecnologia. Segundo Ihde, boa parte das culturas não resiste ao poder do colonizador e, ao assumir a tecnologia imposta, assume também a forma de ver, ou seja, a cultura que está indissociada dessa tecnologia: é o cenário que caracteriza a maior opressão. Algumas culturas, no entanto, fazem adaptações intermediárias e, ao assumir apenas parte da tecnologia, conseguem preservar também seus aspectos culturais peculiares. Outras, conseguem resistir à maior parte das imposições da tecnologia do colonizador, mas são a minoria. Por fim, há aquelas que aceitam voluntariamente a tecnologia – e, portanto, a cultura – externa.

Retomando a questão principal, que motivou essa incursão ao pensamento de Ihde, entendemos que esse modo de pensar a questão da transferência – e do controle –, em termos de multiestabilidade, fornece uma base consistente para analisar a questão da subversão do uso do rádio, no contexto da revolução da Argélia. Entretanto, o caso que será analisado não corresponde a nenhuma das quatro alternativas descritas pelo autor. Seria uma quinta possibilidade, na qual o povo colonizado não apenas resiste à cultura que o colonizador tenta impor, através da tecnologia, mas apropria-se dessa mesma tecnologia para resistir cultural e politicamente. Parece ter havido uma inversão de sentido, na apropriação tecnológica. Embora não tenhamos esgotado o desenvolvimento da filosofia da tecnologia de Ihde, posterior à obra aqui considerada, recorreremos a outro autor, cuja abordagem fenomenológica da tecnologia nos fornecerá alguns dos elementos de que precisamos para completar a análise: trata-se de Albert Borgmann.

¹⁰ Ainda que a comparação se estabeleça entre “apenas” duas “formas de ver”, cada uma delas se configura como uma complexidade de elementos entrelaçados e relações múltiplas.

4 ALBERT BORGMANN: COISAS FOCAIS E A INVISIBILIDADE DOS DISPOSITIVOS

Nesta seção exploraremos alguns dos aspectos da filosofia da tecnologia, como proposta por Albert Borgmann, pensador reconhecido por propor uma avaliação da tecnologia a partir de elementos vindos da abordagem fenomenológica¹¹. A sua obra principal em que isso aparece, e que será nossa fonte de análise, é o livro *Technology and the character of contemporary life* [*A tecnologia e o caráter da vida contemporânea*], publicado em 1984. Interessa, para os nossos propósitos, apresentar a distinção entre o que Borgmann propõe como *dispositivo* (*device*) e *coisas e práticas focais* (*Focal Things and Practices*). Tal distinção é relevante, uma vez que julgamos haver uma relação com o que Don Ihde propõe como “transparência”, tal como visto acima. Porém, mais que isso, ela nos ajudará a aprofundar nossa avaliação do caso da apropriação do uso do rádio na revolução da Argélia.

Na proposta de Borgmann, a tecnologia contemporânea não é interpretada linearmente, como sendo um aperfeiçoamento da técnica antiga a partir da aplicação de conhecimentos científicos, algo defendido por muitos autores – dentre eles, talvez, possa ser incluída a perspectiva de Mario Bunge (1980, p. 189-224). Como sugere Cupani (2016, p. 141), para Borgmann, a tecnologia é um *modo de vida* que a modernidade adotou, que está relacionado com um “modo do homem lidar com o mundo”. Trata-se da adoção de um “paradigma” que dá, no cotidiano, condicionamentos e limitações à vida, que muitas vezes não são percebidos pelas pessoas. No entanto, para que tal paradigma fosse adotado, houve o abandono de um outro modo de vida, relacionado à técnica antiga. A análise de Borgmann é marcadamente influenciada pela filosofia de Heidegger, pois tal caracterização faz lembrar o que Heidegger propõe em seu texto *A questão da técnica* (*Die Frage nach der Technik*), publicado em 1954, acerca da diferença entre a técnica antiga e a técnica moderna. Heidegger afirma que ocorreu uma espécie de abandono do modo como a técnica (*téchne*) era praticada na antiguidade, entendia enquanto *poíesis*, ou seja, como um modo de produzir algo, desvelando-o ao trazê-lo à presença. Contudo, na modernidade, estabelece-se outra maneira de compreender a técnica. Mesmo que a técnica, na modernidade, tenha mantido um certo aspecto do desvelamento da *poíesis*,

¹¹ Para abordagens introdutórias da proposta fenomenológica de Borgmann: cf. Borge, 2020; Cupani, 2016.

passa-se, agora, a compreender a técnica a partir de uma relação desafiadora da natureza. A técnica moderna configura-se a partir do que Heidegger denomina como *armação*: “Denominamos agora aquela invocação desafiadora que reúne o homem a requerer o que se descobre enquanto a subsistência de armação [Ge-stell]” (Heidegger, 2007, p. 384)¹².

Ainda que não seja nosso interesse mostrar em qual sentido Borgmann se afasta da interpretação de Heidegger a respeito das questões de metafísica, relacionadas à técnica, é importante ressaltar que há uma similaridade no modo como ambos interpretam a ruptura entre o que é antigo e o que é moderno. É a partir disso que Borgmann propõe a distinção entre os conceitos de *dispositivo* e *coisas e práticas focais*.

A técnica como estabelecida na antiguidade está e relacionada a uma *coisa* (*things*) que estabelece uma *prática* (*prattice*). Não se trata de qualquer coisa, mas sim de uma coisa dotada de *foco* (*focus*). O termo “foco” não é tomado no sentido técnico, como se estabelece a partir da modernidade, com os estudos da ótica geométrica. O termo latino “focus” era usado, pelos romanos, para designar a lareira. Segundo Borgmann (1984, p. 196), a lareira possuía um significado sagrado, incluído na Grécia antiga, pois era um altar em homenagem aos deuses. É por isso que rituais importantes, como casamentos, celebração da inserção de um novo bebê na família etc., eram realizados em torno da lareira. Nesse sentido, a lareira é um objeto focal, condizente com práticas também focais. A característica principal desse tipo de objeto é possuir um *contexto* que gera um *engajamento* entre os indivíduos e o “mundo” dessa coisa. Isso é observado na seguinte descrição acerca da lareira:

Uma coisa [Thing], no sentido em que quero usar a palavra aqui, é inseparável de seu contexto, quer dizer, de seu mundo, e de nosso comércio com a coisa e seu mundo, ou seja, o engajamento. A experiência de uma coisa é sempre também um compromisso corporal e social com o mundo da coisa. Ao suscitar um engajamento múltiplo, uma coisa fornece necessariamente mais do que um produto [commodity]. Assim, um fogão costumava fornecer mais do que mero calor. Era um foco [focus], uma lareira, um lugar que reunia o trabalho e o lazer de uma família e dava à casa um centro. Sua frieza marcava a manhã, e a difusão de seu calor marcava o início do dia. Atribuía aos diferentes membros da família tarefas que definiam o seu lugar no

¹² Adotamos, aqui, a tradução consagrada no Brasil, feita por Marco Aurélio Werle, do termo “Ge-stell” como “Armação”. No entanto, vale lembrar que tal termo também é traduzindo, de modo menos literal, no português brasileiro, pelo termo “Com-posição” (cf. Heidegger, 2012, p. 23). Há outros especialistas na obra de Heidegger, tal como Irene Borges-Duarte (2019), que preferem esta última maneira de traduzir o termo alemão, por acreditarem que ela expressa melhor o que o filósofo almeja, com o termo “Ge-stell”, no texto original.

agregado familiar. A mãe acendia o fogo, as crianças mantinham a fogueira cheia e o pai cortava a lenha. Proporcionava à família inteira um envolvimento regular e corporal com o ritmo das estações que se entrelaçava entre a ameaça do frio e o consolo do calor, o cheiro da fumaça da lenha, o esforço de serrar e carregar, o ensino de habilidades, e a fidelidade às tarefas diárias. (Borgmann, 1984, p. 41-42).

Dois aspectos importantes, dessa citação, devem ser ressaltados. O primeiro é que o engajamento, a participação no mundo da coisa, estabelece uma particularização, ou seja, o contexto da coisa focal a torna insubstituível. Cada família possuía sua lareira que, por sua vez, está inseparavelmente vinculada à história e ao contexto emocional familiar. O segundo aspecto diz respeito à prática envolvida no funcionamento da lareira. O “calor”, produto desejado, não é obtido sem esforço. Há a necessidade de um saber a respeito do funcionamento técnico ali envolvido. O engajamento, nesse sentido, implica em esforço, algo que exige atribuições bem específicas de tarefas aos membros da família. Em outras palavras, o processo para fazer funcionar uma lareira não é invisível aos indivíduos que usufruem do calor obtido no fim do processo.

Por sua vez, ao voltarmos nossa atenção para o dispositivo (*device*), observamos que Borgmann o concebe como manifestação do ideal moderno de domínio da natureza, não no sentido de puro exercício do poder. Diferente disso, estaria em jogo o desejo de liberar o humano das dificuldades que o impediriam de enriquecer-se física e culturalmente. É nesse sentido que se intensifica o surgimento de dispositivos, caracterizados como *meio* que facilita a obtenção de um *produto* (commodity). A finalidade do dispositivo está associada a esse produto, que é alcançado sem esforço. O dispositivo é avaliado pela desoneração que ele promove na obtenção de um determinado fim. No entanto, para compreender a relação entre *meio* e *fim*, Borgmann aponta para a necessidade de estabelecer a distinção entre “maquinaria” (parte constituinte do dispositivo) e a sua “função”:

No dispositivo, a distinção entre a sua maquinaria e a sua função é um caso específico da distinção entre meios e fins. De acordo com a distinção geral, a maquinaria ou o meio é subserviente e validado pela função ou pelo fim. A distinção tecnológica entre meios e fins difere da noção geral em dois aspectos. No caso geral, é muito questionável até que ponto meios e fins podem ser distinguidos de forma clara e radical sem violentar os fenômenos. No caso do dispositivo tecnológico, entretanto, a maquinaria pode ser mudada radicalmente sem ameaça à identidade e à familiaridade da função do dispositivo. Ninguém se confunde quando é convidado a substituir o relógio, movido por uma

mola, regulado por um balanço, que mostra as horas com mostrador e ponteiros, por um relógio movido eletricamente, regulado por um cristal de quartzo e que mostra as horas digitalmente. Essa concomitância entre a variabilidade radical dos meios e a relativa estabilidade dos fins é a primeira característica distintiva. A segunda, intimamente ligada à primeira, é a ocultação e o desconhecimento dos meios e a simultânea proeminência e disponibilidade dos fins (Borgmann, 1984, p. 43-44).

Está evidente que a maquinaria diz respeito ao esquema de funcionamento do dispositivo. Além dos mais, a citação acima faz uma distinção importante. De um lado há uma relativização do meio em relação ao fim e, de outro, ocorre a ocultação e a não necessidade de conhecer como o tal meio funciona.

Quanto ao primeiro aspecto, no contexto da tecnologia moderna, os dispositivos estão descontextualizados. Há uma certa noção universalizante envolvida, de modo que o fim é valorizado, relativizando o próprio meio. Isso significa que o dispositivo em si não importa. O que importa é ele exercer a sua função de modo a permitir a obtenção do produto. Tal relativização exige que Borgmann faça a ressalva, na qual a relação entre “meio” e “fim”, na tecnologia, não é a mesma do sentido geral. Ou seja, quanto ao dispositivo, não há uma relação necessária entre um fim alcançado e o meio pelo qual isso foi alcançado. No sentido geral, tal necessidade parece existir: um fim só pode ser alcançado por um determinado meio. Ao relacionar isso à maquinaria, observa-se que o dispositivo não é avaliado pelas especificidades de tal maquinaria. Um produto pode ser obtido por maquinarias diferentes, como é o caso do relógio eletrônico (a quartzo) ou mecânico (a molas).

Por outro lado, a relação entre meio e fim implica em um certo apagamento do próprio meio. Ou seja, na obtenção do produto, o usuário não necessita conhecer a maquinaria. Mais especificamente, o usuário conhece para que serve (sua função) no sentido de obtenção do produto. Assim, por exemplo, um aquecedor elétrico entrega o calor (produto) para o usuário pelo simples acionamento de um botão. Ele sabe como funciona: há a necessidade de acionar a tal e tal botão. Esse é um conhecimento de funcionamento que aponta para algo externo do dispositivo. Algo que não implica verdadeiramente esforço. No entanto, o esquema interno de funcionamento não é necessário ser conhecido pelo usuário. Trata-se de algo que, em muitas vezes, é complexo e que exige esforço compreensão. Para o usuário, é desejável que o produto seja obtido sem que o conhecimento da maquinaria seja exigido:

A ocultação da maquinaria e o carácter desonerado do dispositivo andam de mãos dadas. Se a maquinaria estivesse fortemente presente, ela iria, *eo ipso*, fazer reivindicações sobre as nossas faculdades. Se as reivindicações são sentidas como onerosas e, portanto, são removidas, então a maquinaria também o é. **Uma mercadoria está verdadeiramente disponível quando pode ser desfrutada como um mero fim, livre de meios.** (Borgmann, 1984, p. 44 *negrito nosso*).

O contexto tecnológico resulta na “vivência” de um ocultamento da maquinaria. Não importa a particularidade do dispositivo. Há uma espécie de “anonimato social” do dispositivo causado por essa relativização do meio, visto que o fim é permanente. Nem a educação tecnológica, que busca tornar relevante o conhecimento da maquinaria, ou seja, o conhecimento técnico a respeito do funcionamento do dispositivo, é capaz de produzir uma contextualização do dispositivo, tal como a contextualização das coisas focais:

[..] a educação em engenharia e nas ciências naturais e sociais tornaria muito mais evidente a maquinaria, ou seja, o contexto, dos dispositivos tecnológicos. Mas mesmo que tal educação se tornasse mais comum, o contexto de funções e mercadorias permaneceria diferente do mundo das coisas [focais] por duas razões. Primeiro, a presença desse contexto permaneceria inteiramente cerebral, uma vez que resiste cada vez mais, como vimos, à apropriação por meio do cuidado, do reparo, do exercício da habilidade e do engajamento corporal. Segundo, o contexto permaneceria anônimo nos sentidos indicados acima. A maquinaria de um dispositivo não revela por si só a habilidade e o carácter do inventor e produtor; não revela uma região e sua orientação particular dentro da natureza e da cultura. Em suma, a maquinaria dos dispositivos, diferentemente do contexto das coisas, é totalmente oculta ou apenas cerebral e anonimamente presente. É, nesse sentido, necessariamente desconhecida. (Borgmann, 1984, p. 47-48).

Em resumo, fenomenologicamente, coisa focal e dispositivo são percebidos de maneiras absolutamente distintas. Enquanto o primeiro possui um contexto, algo que abarca toda uma atmosfera que envolve o humano no mundo do objeto, o segundo apresenta uma invisibilidade social desejável. O dispositivo é valorizado pelo produto que entrega. Quanto mais preciso em alcançar o fim, mais ele é utilizado sem de fato estar presente no mundo do usuário. Aqui encontramos similaridade com o conceito de “transparência”, tal como Ihde propôs. Ao contrário disso, uma coisa focal exige esforço. Não é possível que seu esquema de funcionamento esteja desassociado de relações sentimentais que o usuário valoriza. Tal coisa focal atinge o modo como a pessoa se relaciona com outras pessoas e com a própria natureza. O foco ocorre no sentido de particularizar essa coisa: ela se torna insubstituível a partir dessas relações estabelecidas.

5 ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO CASO DO RÁDIO NA REVOLUÇÃO DA ARGÉLIA

Fanon inicia o capítulo intitulado “Aqui a voz da Argélia...” com as seguintes palavras:

No presente capítulo, propomos estudar as novas atitudes do povo argelino ao longo da luta de Libertação, em relação a um instrumento técnico específico: o rádio. Veremos que, por trás dessas novas atitudes, se nega a situação colonial como um todo. Além disso, teremos a oportunidade de demonstrar que a dúvida sobre o próprio princípio da dominação estrangeira acarreta mudanças essenciais na consciência do colonizado, em sua percepção do colonizador e em sua situação como ser humano no mundo (Fanon, 1976, p. 50).

Esse parágrafo inicial concentra alguns elementos importantes para uma análise fenomenológica, e hermenêutica, do caso do rádio na Revolução da Argélia. Fanon assume que a resistência ao uso da tecnologia do colonizador indica uma negação da situação colonial, tomada em sentido amplo. Esse processo de resistência, afeta diretamente a percepção do povo colonizado, tanto com relação ao colonizador, quanto no que diz respeito à própria “situação como ser humano no mundo”. Essa dupla consciência, alcançada no processo, pode ser interpretada no contexto da relação indissociável entre tecnologia e cultura, sustentada tanto por Don Ihde quanto por Albert Borgmann.

A transparência ou invisibilidade da tecnologia, assumida como mediadora, é desejada quando tal tecnologia já está incorporada em uma cultura. Entretanto, em uma situação de resistência à imposição da tecnologia – como é o caso do contexto colonial –, é necessário trazer à percepção esse elemento mediador, pois, com ele, também são evidenciados os valores culturais que fazem parte dessa imposição. O que pretendemos extrair da análise desse caso são, justamente, os elementos necessários para esse duplo movimento de retomada da percepção, na expectativa de que isso contribua para pensar outros processos de resistência envolvendo a tecnologia como mediadora. Para tanto, embora tenhamos estruturado a questão em termos de transferência tecnológica – seguindo o percurso de Ihde, acima exposto – preferimos recorrer ao pensamento de Borgmann para analisar a ressignificação da tecnologia, utilizando a noção de invisibilidade dos dispositivos.

Se transferência tecnológica é caracterizada como um processo no qual as tecnologias são reinterpretadas ou adaptadas de acordo com o contexto cultural da cultura

receptora, mesmo a recepção material de um artefato não garante a permanência do significado e da função originais desse artefato. O povo argelino, inicialmente, recusa-se, inclusive, a incorporar materialmente o receptor de rádio:

Como técnica instrumental em sentido estrito, o aparelho de rádio desenvolve os poderes sensoriais, intelectuais e musculares do homem em uma sociedade determinada. Na Argélia ocupada, o receptor de rádio é uma técnica do ocupante que, no quadro da dominação colonial, não responde a nenhuma necessidade vital do “indígena”. O aparelho de rádio, como símbolo da presença francesa, como sistema material incluído na configuração colonial, está impregnado de uma valorização negativa extremamente importante. A eventual multiplicação e a possível extensão dos poderes sensoriais e intelectuais através do rádio francês são rejeitadas implicitamente ou negadas pelo autóctone. O instrumental técnico, as novas aquisições científicas, quando encerram uma carga suficiente para abalar os dispositivos da sociedade autóctone, nunca são percebidos “em si”, como objetos neutros. O instrumento técnico insere-se na situação colonial em que, como se sabe, os coeficientes negativos ou positivos são sempre apresentados de maneira amplificada. (Fanon, 1976, p. 53).

Assim, o primeiro movimento de resistência manifesta-se no desinteresse pelo artefato, como forma de recusa ao poder francês que ele simboliza. Ou seja, a percepção do rádio, como dispositivo, desde o início do processo de colonização, escapa à transparência – ou, invisibilidade, nos termos de Borgmann. Isso ocorre tanto por parte dos colonizadores quanto por parte dos colonizados. Para os franceses que residem na Argélia, o rádio é símbolo de resistência de sua cultura original: é um vínculo privilegiado com a pátria mãe. Ele não permite que se esqueça dos valores e demais elementos culturais deixados na terra natal. Para os autóctones, o dispositivo também é símbolo da cultura francesa e, por isso, representa a tentativa de imposição dessa cultura. Resistir ao uso do rádio é resistir ao processo de colonização.

Além dessa resistência ao dispositivo e ao que ele simboliza, não se pode ignorar o aspecto do conteúdo comunicado através do rádio. Além do que já foi mencionado na primeira seção, a respeito dos choques culturais (como o repúdio a compartilhar conteúdos burlescos na presença da família), as transmissões continham insinuações racistas e depreciativas para o povo argelino. No entanto, Fanon afirma:

[...] em conjunto, é impossível afirmar que o conteúdo claramente racista ou anti-argelino da rádio explique a indiferença e a resistência do autóctone. A explicação encontra-se mais no fato de que a Rádio Argel é vista pelo argelino como se fosse o mundo colonial falado.

Antes da guerra, o senso de humor do argelino o levou a definir a Rádio Argel da seguinte maneira: “Franceses que falam para franceses” (Fanon, 1976, p. 54).

Trata-se, então, do caráter paradigmático, gestáltico, da tecnologia. O rádio, do ponto de vista do argelino, é o meio pelo qual o mundo francês é articulado: um mundo do qual ele não faz parte.

Até esse momento, o relato parece se encaixar no caso, considerado por Ihde como a minoria, no que diz respeito às relações de colonização, no qual a cultura resiste bravamente à imposição da tecnologia, por parte do colonizador e, assim, resiste também ao processo de diluição cultural que se seguiria à assimilação irrefletida da tecnologia. No entanto, a situação sofre uma virada drástica.

Com a guerra do Marrocos pela independência (1951-52), cresce na Argélia um clima de insegurança. Os colonizadores se sentem cada dia mais ameaçados e reagem divulgando notícias, nem sempre verdadeiras, do extermínio de revolucionários em regiões próximas. Diante dessas notícias que não tinham garantia de sua veracidade, os argelinos sentem a necessidade de obter alguma fonte segura de informação. No início, isso ocorreu através da imprensa escrita revolucionária. Porém, o clima de insegurança alcançou outro patamar: havia rumores de que os argelinos dominavam as antigas técnicas de comunicação por tambores e, por isso, tinham informações privilegiadas dos movimentos revolucionários. Fanon resume assim o clima da passagem decisiva:

Antes da rebelião era a vida, o movimento, a existência do colono e, diante dele, a agonia permanente do colonizado. Antes da rebelião era a verdade do colono e o nada do colonizado. Depois de 1954, o europeu constata que outra vida entrou em movimento, paralelamente à sua, e que na sociedade argelina as coisas já não são como antes. O europeu, depois de 1954, sabe que algo secreto lhe é ocultado. É o período em que a velha expressão pejorativa do telefone árabe¹³ adquire um significado quase científico (Fanon, 1976, p. 58).

Em busca de informação, os argelinos correm para as bancas – quase todas de propriedade de europeus – para comprar jornais de cunho democrático. Os europeus começam a se preocupar e o simples ato de comprar esses jornais (tais como *Le Monde* ou *L'Express*) já se caracteriza como uma adesão aos ideais revolucionários. Os donos de bancas pararam de vender os jornais democráticos menores e os argelinos responderam

¹³ Diz respeito à rapidez das notícias passadas de boca em boca.

com um boicote à imprensa. Entretanto, era necessário encontrar outro meio para a comunicação, pois a imprensa francesa colonialista não cansava de propagar notícias tendenciosas da derrota da revolução. O rádio se apresenta, progressivamente, como a solução mais interessante, mas somente em 1956 ocorre a adesão massiva:

O verdadeiro ponto de mudança ocorre no final de 1956. De fato, nessa época, são distribuídos panfletos anunciando a existência de uma *Voz da Argélia Livre*. São especificadas as frequências e o horário das transmissões. Essa voz "que fala dos djebels"¹⁴, sem localização geográfica precisa, mas que leva a toda a Argélia a grandiosa mensagem da Revolução, adquire de repente um valor essencial. Em menos de vinte dias, esgotam-se os estoques de radioreceptores. Nos souks¹⁵, surge o comércio de radioreceptores usados. Os argelinos, aprendizes dos especialistas europeus em rádio, abrem pequenas oficinas. Mais ainda: os comerciantes precisam atender a necessidades especiais. A falta de energia elétrica em vastas regiões da Argélia impõe ao consumidor uma série de problemas. Assim, a partir de 1956, os rádios a pilhas tornam-se os mais requisitados no território argelino, e em poucas semanas são vendidos aos argelinos vários milhares de aparelhos; alguns pessoais, aparelhos adquiridos por famílias, por grupos de casas, de douares, de mechtas¹⁶ (Fanon, 1976, p. 62-63).

Então, como pensar essa súbita transferência de tecnologia, utilizando as ferramentas interpretativas de Don Ihde? Se o período no qual os argelinos não utilizaram o rádio pode ser facilmente interpretado como aquele raro caso no qual a cultura do colonizado consegue resistir às imposições tecnológicas – e, portanto, culturais – do colonizador; essa virada, na qual os argelinos aderem massivamente à mesma tecnologia está longe de poder ser interpretada como uma aceitação da cultura dominante. Nesse caso, a adesão ao artefato não significa a adesão à “forma de ver” que nele estava impregnada. Ao contrário, trata-se de uma subversão dessa relação: os argelinos compram os radioreceptores na esperança de manter sua autonomia e, justamente, combater a “forma de ver” que os colonizadores tentavam impor.

¹⁴ Territórios acidentados, nas áreas montanhosas, utilizados como refúgio e base de operações para lançar ataques contra as forças coloniais francesas. O conhecimento local dos combatentes argelinos sobre essas regiões montanhosas era uma vantagem significativa na condução da guerrilha.

¹⁵ Mercados que tinham funções adicionais, como locais onde ideias políticas e nacionalistas eram disseminadas entre a população

¹⁶ Vilas rurais e pequenas aldeias.

Essa mudança na “forma de ver” que acompanha o rádio foi descrita por Fanon da seguinte forma:

O instrumento técnico, o aparelho de rádio, quase que magicamente perde — embora tenhamos visto a progressão harmônica e dialética das novas necessidades nacionais — seu caráter de objeto do inimigo. O receptor de rádio deixa de fazer parte do arsenal de opressão cultural do ocupante. Ao se transformar o rádio em um meio singular de resistência frente às pressões psicológicas e militares cada vez maiores do ocupante, a sociedade argelina, por um movimento autônomo interno, decide se apropriar da nova técnica e, assim, incorporar-se aos novos sistemas de comunicação atualizados pela Revolução. A *Voz da Argélia Combatente* terá uma importância capital como meio de coesão e penetração entre as massas do povo. (Fanon, 1976, p. 63-64).

O que Fanon chama de “quase magicamente” pode ser interpretado como o caráter gestáltico da mudança. Entretanto, quais as condições dessa apropriação que não apenas rejeita a cultura do colonizador como utiliza a mesma tecnologia para combatê-la? Em termos do pensamento de Borgmann, podemos afirmar que a invisibilidade do dispositivo foi rompida. A ideia de que a sociedade argelina “decide se apropriar da nova técnica” mostra que não se trata de uma transferência passiva, impensada. Ao contrário, na decisão de inverter a função do dispositivo, está implícita a reaparição do meio que, antes disso, era invisível ou, nos termos de Ihde, transparente.

No contexto original do radioreceptor, que chamamos de “dispositivo”, seguindo o vocabulário de Borgmann, a finalidade desse dispositivo está associada ao produto, ou seja, a manutenção dos vínculos com a terra natal, e isso é alcançado sem esforço. Como dispositivo, o radioreceptor do colonizador promove uma desoneração, uma facilitação, na obtenção desse fim. No entanto, na medida em que houve a apropriação, por parte do povo colonizado, a harmonia entre o meio e o fim, a maquinaria e a função, foi quebrada. Para os argelinos, não havia desoneração no processo de transmissão e recepção da *Voz da Argélia Combatente*, que transmitia as notícias dos enfrentamentos, sob o ponto de vista dos revolucionários:

Aqui encontramos um fenômeno suficientemente original para que fixemos nele nossa atenção. Os serviços franceses, extremamente tecnificados e enriquecidos pela experiência das guerras modernas, hábeis na prática da “guerra das ondas”, não tardaram em localizar as frequências da estação transmissora. A partir desse momento, os programas foram sistematicamente interferidos e a *Voz da Argélia Combatente* tornou-se praticamente inaudível. Nasceu uma nova forma de luta. Os panfletos aconselhavam os argelinos a ouvir o rádio durante duas ou três horas por dia. Durante uma mesma transmissão, outra

estação, transmitindo em outra frequência, substituiu o primeiro transmissor interferido. O público havia se incorporado à batalha das ondas, adivinhava a tática do inimigo e, quase de maneira física, muscular, neutralizava a estratégia do adversário (Fanon, 1976, p. 65),

A originalidade desse episódio, destacada por Fanon, diz respeito a esse movimento de “inversão de sentido” da função do dispositivo. Para tornar isso possível, foi necessário mais que vontade e vigor revolucionário. Os argelinos precisaram tornar visível a maquinaria não apenas do dispositivo do radioreceptor, mas, igualmente, da estrutura responsável pelo seu funcionamento. No âmbito dos dispositivos, os autóctones aprenderam a fazer reparos nos aparelhos, adaptações diversas e até mesmo, montar novos aparelhos com as peças de outros – pois, os franceses não demoraram a proibir a venda de aparelhos e até mesmo de pilhas ao povo local. No âmbito da estrutura de transmissão e recepção, passaram a dominar o modo como funcionam as ondas para traçar estratégias que permitissem driblar a tática dos franceses, como relata a citação acima.

O compromisso e o conhecimento da maquinaria, exigidos nesse processo, parecem ter extrapolado a caracterização do rádio (aparelho e estrutura) como mero dispositivo. O povo argelino, engajado na luta revolucionária, forneceu contexto a essa tecnologia, o que se configura, no pensamento de Borgmann como uma prática focal que utiliza, portanto, não um dispositivo, mas uma coisa focal. Desse modo, os humanos envolvidos nesse contexto estavam longe de se beneficiar da invisibilidade (ou transparência), característica dos dispositivos. Se, como vimos acima, a coisa focal exige esforço e compromisso, não é possível dissociar esse esforço da função que os resistentes pretendiam obter com a apropriação consciente da tecnologia dos franceses.

Além, do compromisso, a coisa focal se torna particularizada, não descartável como é o dispositivo. Ela agrega manifestações emocionais e afetivas que permeiam as relações entre as pessoas e com o próprio mundo. O rádio tornou-se uma coisa focal, diretamente associada a uma prática focal. O intérprete do rádio, descrito por Fanon, evoca a noção de compromisso, suscitada pela coisa focal, no contexto do pensamento de Borgmann. Mais do que um mero período de transição – no qual o objeto se torna momentaneamente visível – a prática focal de articular todos os planos revolucionários, as boas e más notícias, as informações sobre o inimigo e os valores almejados para a nova ordem nacional, em torno das transmissões radiofônicas, se tornaram o fundamento para a identidade do povo revolucionário:

Frequentemente, apenas uma pessoa, com o ouvido colado ao aparelho, tinha a sorte excepcional de ouvir a *Voz*. Os outros argelinos presentes na sala recebiam o eco dessa voz e, através do sussurro do intérprete privilegiado, que, assim que terminava a transmissão, se via literalmente assediado, formulavam perguntas precisas a essa voz encarnada. Os presentes pediam informações sobre tal ou qual batalha que a imprensa francesa havia comentado nas últimas 24 horas e o intérprete, entristecido e sentindo-se culpado, confessava que a *Voz* não a havia mencionado [...]. Ouvir a *Voz da Argélia Combatente* não significa ouvir uma opinião distinta, mas sim expressar a necessidade interior de unir-se à nação em luta, de construir e assumir a nova ordem nacional, de ouvir e repetir a grandiosa epopeia das elevadas montanhas rochosas e dos *djebels*. A cada manhã, o argelino relata o que obteve em suas horas de radioescuta. A cada manhã, conversando com seu vizinho ou camarada, completa as informações fragmentárias da *Voz* e responde às notícias tendenciosas difundidas pela imprensa inimiga. Às afirmações oficiais do ocupante, aos boletins alarmistas do adversário, ele opõe as informações proclamadas oficialmente pelo Comando da Revolução (Fanon, 1976, p. 65-66).

O caráter de prática, e coisa, focal é tão evidentemente potente que a relação do povo argelino como o rádio pode ser descrita como fundamental para a consolidação da nação que se constituiu com a independência. Segundo Todd Sheppard, os acordos de independência assinados em 1962 continham o reconhecimento, dos franceses, de que o povo argelino era uma entidade coletiva tão diferente dos cidadãos franceses, que eles não tinham lugar na República Francesa (Sheppard, 2012, p. 26). Ora, essa era a reivindicação dos argelinos desde o início, mas só foi reconhecida depois de um esforço de resistência tão intenso que não deixou espaço para concessões e pequenas apropriações da tecnologia-cultura dominante. Nas palavras de Fanon:

A luta nacional, a criação da Rádio Argélia Livre, provocam no seio do povo uma mudança fundamental. O rádio penetra pela força e não por aproximações sucessivas. Não há uma acumulação local de ouvintes de rádio e uma adição progressiva das regiões integradas pouco a pouco. Na verdade, assistimos a uma profunda transformação dos meios de percepção, do próprio mundo da percepção. Na Argélia, para dizer a verdade, nunca existiu, em relação ao rádio, uma conduta receptiva, de adesão e aceitação. Enquanto processo mental, assistimos, após 1956, a uma quase invenção da técnica. A *Voz da Argélia*, criada do nada, funda a existência da Nação e confere a cada cidadão um novo estatuto, manifestando-o explicitamente (Fanon, 1976, p. 75).

6 CONCLUSÃO

Para concluir essa análise que, esperamos, estabelece alguns marcos importantes – ainda que não esgote a questão –, consideremos a afirmação de Fanon de que o contexto

da revolução promoveu “uma quase invenção da técnica”, enquanto processo mental. Fundamentados na hermenêutica cultural de Ihde, podemos dizer que essa “quase invenção”, “criada do nada”, evidencia o rompimento do conceito de “tecnologia-cultura”, articulado por ele. Se a não neutralidade da tecnologia se manifesta na multiestabilidade gestáltica que associa, por um vínculo irrevogável, a tecnologia e a cultura na qual ela se estabelece, toda transferência de tecnologia comportaria, em alguma medida, a assimilação da cultura correspondente, ao menos em parte. No entanto, não é esse o caso do rádio na revolução da Argélia.

Ao negar completamente a cultura e a identidade da República Francesa, o movimento de independência se apropria da tecnologia do rádio – tanto do aparelho quanto da rede de transmissão e recepção – sem que essa apropriação corresponda propriamente a uma transferência, em nenhum dos quatro sentidos tratado por Ihde. Os argelinos não permitiram uma imposição total da tecnologia-cultura, não fizeram adaptações intermediárias (como o caso da Índia, explorado acima), não resistiram ao binômio tecnologia-cultura (já que se apropriaram da tecnologia) e, por fim, certamente, não assimilaram a tecnologia-cultura, de modo voluntário. Poderíamos pensar que Ihde não cobriu todas as possibilidades e que a revolução argelina é, simplesmente, um caso à parte. Entretanto, a filosofia da tecnologia de Borgmann nos oferece a possibilidade de um outro caminho de análise.

Essas quatro possibilidades de transferência dizem respeito à tecnologia, entendida no âmbito dos dispositivos. Embora Ihde não utilize diretamente esse termo de Borgmann, a descrição da transparência, do primeiro, assemelha-se, inegavelmente, ao conceito de invisibilidade, do segundo; o que nos autoriza transitar de um autor para o outro. Então, em termos do pensamento de Borgmann, o que permite aos argelinos essa extrapolação das categorias de Ihde é, segundo nossa hipótese de trabalho, o fato de que o rádio não foi tratado apenas como dispositivo, mas como coisa focal. Como visto acima, o conhecimento da maquinaria, promovido por uma educação tecnológica, segundo Borgmann, não é suficiente para gerar contexto. Contudo, no caso da revolução, esse conhecimento da maquinaria do radioreceptor e da estrutura de transmissão foi fundamental causar o efeito de refundação da técnica, tal como descrito por Fanon. Talvez, estejamos diante de um limite da proposta de Borgmann, pois, para ele, é possível

prescindir do conhecimento da maquinaria e, ainda assim, gerar o contexto característico das coisas focais.

De qualquer modo, esse caso envolve o compromisso e o engajamento, capazes de estabelecer um contexto que o dispositivo não poderia alcançar, ainda que o conhecimento da maquinaria tenha sido uma etapa intermediária necessária. Os relatos de Fanon mostram que o povo argelino, em nenhum momento, aceitou se beneficiar da desoneração característica dos dispositivos. De um golpe só, quando o rádio se tornou parte da luta, foi como meio para uma prática focal de resistência e reafirmação da identidade nacional. Assim, o binômio tecnologia-cultura não foi transferido (total ou parcialmente), mas refundado a partir de uma prática (focal) revolucionária. Talvez, poderíamos afirmar que, anos mais tarde, já no contexto de liberdade, os argelinos puderam tratar o rádio como dispositivo e se desonerar do compromisso dos tempos de revolução; mas, então, as novas bases da relação entre tecnologia e cultura já estavam estabelecidas. No entanto, essa hipótese mereceria uma nova investigação, a partir de outras fontes que considerem a história da relação do argelino como o rádio, no contexto pós-revolucionário.

Para além da análise de um evento histórico isolado, esperamos que esse percurso possa oferecer elementos para a reflexão filosófica a respeito de outras relações de opressão e resistência. Tornar os dispositivos invisíveis – ou transparentes – é parte constituinte do fenômeno da tecnologia. No entanto, quando esses dispositivos são meios para a imposição ou manutenção de relações de poder, ou seja, de opressão, a ilusão de uma tecnologia neutra, que não incorpora os valores culturais, apenas beneficia a invisibilidade e impede o movimento de resistência, ainda que haja a tentativa de controle dessa tecnologia. Para resistir, não há outro caminho senão o de tornar os dispositivos visíveis e, em última instância, romper com a categoria de dispositivos para “recomeçar” a partir das coisas focais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, L. A. G. Albert Borgmann: hipermodernidade, informação e cultura da tecnologia. In: OLIVEIRA, J (Org.). *Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas*. Caxias do Sul: Educs, 2020, p. 47-59.

BORGES-DUARTE, I. *Arte e Técnica em Heidegger*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019

BORGMANN, A. *Technology and the character of contemporary life: a philosophical inquiry*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

BUNGE, M. *Epistemología*. São Paulo: T. A. Queiróz/EDUSP, 1980.

CARVALHO, H. B. A. de. Don Ihde: a pós-fenomenologia: relações humano-tecnologia. In: OLIVEIRA, J (Org.). *Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas*. Caxias do Sul: Educs, 2020, p. 181-191.

CUPANI, A. *Filosofia da tecnologia: um convite*. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

FANON, F. *Sociología de una revolución*. 3. ed. Tradução de Víctor Flores. México 13, D.F.: Ediciones Era, 1976.

FEENBERG, A. O que é a Filosofia da Tecnologia? In: NEDER, R. T. (Org.). *A teoria crítica de Andrew Feenberg: Racionalização democrática, poder e tecnologia*. Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010, p. 51–65.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae studia*. São Paulo, V.5, n. 3, p. 375-98, 2007.

HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HUI, Y. *Tecnodiversidade*. Trad. de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

IHDE, D. *Bodies in Technology*. *Electronic Meditations*. Minneapolis: Univ. Of Minnesota Press, 2001.

IHDE, D. *Tecnologia e o Mundo da Vida: do jardim à Terra*. Tradução Maurício F. Bozatski. Chapecó: Editora UFFS, 2017.

NEDER, R. T. (Org.). *A teoria crítica de Andrew Feenberg: Racionalização democrática, poder e tecnologia*. Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010.

OLIVEIRA, J (Org.). *Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas*. Caxias do Sul: Educs, 2020.

SHEPARD, T. 1962: Comment l'indépendance algérienne a transformé la France. Tradução para o francês de Claude Servan-Schreiber. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2012.

Recebido em: 10/12/2024 | Aprovado em: 18/06/2025